

NOTA DE LIVRO

DAVIDOVITCH, David. **The Ketuba**; jewish marriage contracts through the ages. Tel Aviv, Lewin-Epstein, 1979.

«Como todos os objetos do ritual judaico tendem, com o passar do tempo, a se tornarem mais belos e artisticos, conforme as palavras de EXODUS XV, 2 «este é meu Deus e eu O tornarei mais Belo», também as **Ketubot** foram se enriquecendo com decorações em cores (Iluminuras).

A **Ketuba** é um documento que o marido judeu lê em público e entrega depois à esposa, ainda sob o dossel, logo após a bênção nupcial. Seu conteúdo diz respeito aos deveres que o noivo assume frente à noiva com o casamento e tem como finalidade resguardar o **status** e as propriedades da mulher, restringindo os direitos do marido, especialmente as eventualidades de um divórcio. Seu uso não seria anterior ao exílio babilônico, mas os historiadores discordam quanto à sua origem; de qualquer modo, durante e após o exílio babilônico até nossos dias, quase sem variações, esse tipo de contrato matrimonial está em uso, seja na Diáspora, seja em Israel.

Do ponto de vista artístico, as **Ketubot** refletem a arte dos países em que as comunidades judaicas viveram: assim as **ketubot** italianas do período renascentista e pós-renascentista possuem as características dos manuscritos italianos da época; as **ketubot** holandesas reproduzem as gravuras dos Países Baixos e as alemãs da Idade

Média a arte gótica. O suporte é principalmente pergaminho; existem poucos contratos em papiro e alguns em papel. A forma da folha varia, também, segundo os vários países: da forma ponteguda ou em arco na parte superior das **ketubot** italianas, à forma de um simples retângulo na maioria das outras.

Entre as mais antigas **ketubot** que chegaram às nossas mãos, há uma, descoberta em Assuan (Egito) e datada de 440 a.C., sobre papiro e sem ornamentações. O começo do uso de ornato em cores é desconhecido, provavelmente variou de comunidade para comunidade. Entre as **ketubot** medievais, há umas alemãs (**askenazi**) ornamentadas com as figuras dos noivos muito alongadas, de clara influência gótica, assim como as grinaldas de flores que contornam o texto.

Entre as mais bonitas estão as italianas; parece que eram encomendadas pelos judeus mais abastados a artistas italianos não judeus.

O traço comum entre elas é o texto fechado por uma moldura retangular, ou em arco, com motivos florais, medalhões com figuras alegóricas (e legendas em italiano), braços de família, querubins e anjinhos, ou a reprodução imaginária da cidade Santa de Jerusalém. A influência da arte italiana se estende não somente aos contratos das comunidades gregas **sefardi** da esfera comercial italiana, mas, também, da Holanda e da Polônia. As **ketubot** islâmicas diferem das européias; seu suporte é geralmente o papel, sua ornamentação de motivo vegetais e animais mostra o reflexo da arte oriental da tapeçaria; falta a figura humana; aparecem emblemas nacionais, como o leão encimado por um sol, que, ainda hoje, se vê nas moedas persas. As **ketubot** da Índia mostram a influência da arte local, seja nos motivos arquitetônicos, seja nos pássaros exóticos e nas flores locais.

David Davidovitch, autor desta bela publicação (Editora Lewin-Epstein de Tel Aviv), traça um quadro da história e das características das **ketubot** nos vários países, em 19 páginas; 18 tábuas em cores e muitas reproduções em branco e preto ilustram uma coletânea de várias **ketubot** que pertencem a coleções particulares, à Biblioteca Nacional da Universidade de Jerusalém e ao Museu Etnográfico e Folclórico de Tel-Aviv. No prefácio, o famoso historiador Cecil Roth assinala o livro como o primeiro a reunir de maneira elegante e clara as **ketubot**, e investigações sobre esses contratos matrimoniais, nos quais «the Jews in almost every land gave expression to their artistic impulses, in an age when most other avenues of expression were closed to them».

MARIA ROMANO SCHREIBER
Professor Emérito da Escola
de Biblioteconomia da UFMG